

Louis Althusser e sua contribuição à Sociologia da Educação

Marcos Cassin

Professor da Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto - USP

Introdução

Louis Althusser é um filósofo, que junto com Establet, Baudelot, Bowles, Gintis, Bourdieu e Passeron, foram alguns dos mais importantes pensadores do final da década de sessenta e início da de setenta, do século XX. Estes romperam com a tradição sociológica da educação, criando uma nova tradição, classificada pelo professor Tomaz Tadeu da Silva, como “Sociologia da Educação Crítica” ou “Teorias Crítico-Reprodutivistas da Educação”, como o professor Dermeval Saviani as chamam em seu livro “Escola e Democracia”. Neste, o professor Dermeval também reconhece que o aparecimento destas novas teorias significaram importante momento de ruptura com a velha tradição das teorias educacionais.

Tomando como critério de criticidade a percepção dos condicionantes objetivos, denominarei as teorias do primeiro grupo de “teorias não-críticas” já que encaram a educação como autônoma e buscam compreendê-la a partir dela mesma. Inversamente, aquelas do segundo grupo são críticas uma vez que se empenham em compreender a educação remetendo-a sempre a seus condicionantes objetivos, isto é, aos determinantes sociais, vale dizer, à estrutura sócio-econômica que condiciona a forma de manifestação do fenômeno educativo. Como, porém, entendem que a função básica da educação é a reprodução da sociedade serão por mim denominadas de “teorias crítico-reprodutivistas”.¹

Para o professor Tomaz Tadeu da Silva, além da ruptura marcada pelo surgimento desta nova tradição da sociologia da educação, sua problemática central, os “mecanismos pelos quais a educação, ou mais concretamente, a escola, contribui para a produção e a reprodução de uma sociedade de classes”², marcam e delimitam o campo da sociologia da educação nas últimas décadas.

Estas produções, da “Sociologia da Educação Crítica” ou “Teorias Crítico-

¹ Dermeval SAVIANI, Escola e Democracia, 9

Reprodutivistas”, também vão influenciar mais tarde outras correntes, como por exemplo, a “Nova Sociologia da Educação”, sendo que as teorias vinculadas a esta nova corrente da sociologia da educação têm suas preocupações mais centradas em questões de currículo, chegando a ser chamadas também de “Sociologia do Currículo”, enquanto as primeiras se constituíam em teorias mais abrangentes, ou seja, análises estruturais.

O aparecimento da “Nova Sociologia da Educação” dá uma grande contribuição às teorias críticas da educação, apontando para análises de elementos reprodutores no interior da escola e da sala de aula, revelando elementos visíveis e principalmente aqueles que não o são e contribuem na reprodução das desigualdades sociais.

A partir deste novo quadro teórico, se desloca o centro das análises sociológicas da educação para a problematização dos currículos escolares, estes descritos ou ocultos, onde o fundamental é examinar o processo de estratificação do conhecimento escolar.

Apesar da grande contribuição dada pela nova sociologia da educação, seus limites são latentes, uma vez que ela ao centrar suas análises nos processos e elementos internos da escola, perde o que havia de fértil na sociologia da educação crítica, ou seja, o de analisar as grandes relações entre processos sociais amplos e resultados amplos dos processos educacionais.

Este novo quadro teórico, desloca o centro das análises sociológicas da educação para a problematização dos currículos escolares, onde o fundamental é examinar o processo de estratificação do conhecimento escolar. Este deslocamento, do centro das análises sociológicas da educação para a problemática dos currículos escolares, fez com que a sociologia secundarizasse a educação como problema de seu campo de conhecimento, abrindo espaço para a chamada pedagogia crítica tomar para si as análises da relação educação e sociedade, limitando-as em análises localizadas, o interior da escola.

Porém, hoje, a conjuntura política, econômica, social e cultural exige da sociologia a retomada com vigor da temática da educação como uma das áreas a ser priorizadas. É preciso retomar as análises mais amplas e estruturais que possibilitem entender a educação neste contexto de reorganização do capital, este se apresentando como capital globalizado, neoliberal e até como pós-moderno.

Uma das possibilidades para estas análises é partir da compreensão de que a

reorganização do capital está centrada em um projeto político/ideológico, o projeto neoliberal. Göran Therbon ao afirmar que o “neoliberalismo é uma superestrutura ideológica e política que acompanha uma transformação histórica do capitalismo moderno”³, pode levar a interessantes análises da relação neoliberalismo e escola..

Este autor em outro momento de seu texto “A crise e o futuro do capitalismo” afirma a tese de que a crise atual do capitalismo é mais ideológica do que econômica:

As crises constituem o ritmo de vida do capitalismo. De fato, as crises cíclicas fazem parte da vida normal deste sistema social e histórico. No entanto, no atual período, o capitalismo não enfrenta uma contradição econômica estrutural... a contradição fundamental do capitalismo atual é mais ideológica do que econômica. Ela se manifesta na destruição social criada pelo poder do mercado.⁴

Estas referências podem levar à hipótese da necessidade da escola reorganizar-se para cumprir seu papel político/ideológico de reprodutora da concepção de mundo neoliberal, sendo expressões desta reorganização a “Conferência Mundial de Educação para Todos” realizada em Jomtien, na Tailândia, em março de 1990, “A Declaração de Nova Delhi”, assinada em dezembro de 1993 pelo Brasil, China, Bangladesh, Egito, México, Nigéria, Paquistão e Índia, reafirmando seus compromissos assumidos na Conferência Mundial. No Brasil, esta lógica se materializa com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, o novo Plano Nacional de Educação, Parâmetros Curriculares, Diretrizes Curriculares, a política de privatização do ensino entre outras tantas reformas pela qual a educação brasileira passa.

Nesta perspectiva, os conceitos de ideologia, de Estado e de reprodução, referências fundamentais do pensamento althusseriano, são importantes instrumentos de análises das mudanças atuais que o capitalismo está sofrendo na sua base de produção como também na superestrutura, em particular a escola.

Portanto, a retomada da sociologia da educação em seus aspectos mais amplos, exige recuperar os referenciais dos teóricos da “Sociologia da Educação Crítica” e, em especial, Louis Althusser.

³ Göran THERBON, A crise e o futuro do capitalismo, In: Emir SADER & , Pablo GENTILI (orgs), Pós-Neoliberalismo, 39

⁴ Ibid, 47

Referencial althusseriano

Ao pensar a educação e, em particular, a escola a partir do referencial althusseriano, estas devem ser pensadas a partir da concepção de Estado e de ideologia do autor. Com relação ao Estado, este deve ser compreendido como a superestrutura da sociedade e composta pelos Aparelhos repressivos e os Aparelhos ideológicos de Estado, ampliando o conceito de Estado como aparece descrito na obra de Marx, mas mantendo a essência tal como aparece nesta, onde afirma que o Estado é um instrumento da classe dominante para se manter enquanto tal, portanto um instrumento de dominação e exploração⁵.

Para Althusser, o Estado é um instrumento de reprodução das relações de produção, portanto da reprodução das condições de exploração, esta garantida pela repressão direta ou indireta e pela persuasão, sendo que os Aparelhos repressores atuam predominantemente pela repressão e os Aparelhos ideológicos predominantemente pela persuasão.

Também, é importante destacar a distinção que o autor faz entre o Aparelho ideológico de Estado escolar e a escola, ou seja, o Aparelho ideológico escolar, como os outros aparelhos ideológicos, é um **sistema** formado por instituições, organizações escolares e suas práticas, independente de serem públicas ou privadas. Portanto a escola enquanto instituição é um elemento do Aparelho ideológico de Estado escolar e não o próprio AIE escolar. Althusser define AIE como um **sistema** complexo que compreende e combina várias instituições, organizações e suas respectivas práticas.

Com relação ao Aparelho ideológico de Estado escolar, este deve ser entendido como um **sistema**, dentre os vários que compõe o Estado, com o objetivo de reproduzir as relações de produção, na sociedade capitalista o de reproduzir as relações de dominação capitalista, portanto reprodução de relações de exploração⁶.

⁵ No texto “A Ideologia Alemã”, Marx e Engels afirmam que o “Estado não é mais do que a forma de organização que a burguesia constitui pela necessidade de garantirem mutuamente a sua propriedade e seus interesses... Sendo portanto o Estado a forma através da qual os indivíduos de uma classe dominante fazem valer os interesses comuns. p. 95”

⁶ Marx e Engels no Manifesto do Partido Comunista ao responder as críticas da burguesia à proposta de educação dos comunistas, aponta a relação da educação e da escola como instrumento de reprodução das relações sociais, afirmam os autores: “Mas, dizeis, suprimimos as relações mais íntimas ao substituímos a educação doméstica pela social.

E não está também a vossa educação determinada pela sociedade? Pelas relações sociais em que educaís,

A afirmação do Aparelho ideológico de Estado escolar e os elementos que o constitui, as instituições escolares e organizações, como instrumentos de reprodução da ideologia de Estado, enquanto ideologia dominante, pressupõe a existência de ideologias dominadas. Portanto, tanto no interior do AIE escolar como nas próprias escolas, estas refletem a luta de classes da sociedade, a ideologia da classe dominante luta para manter-se enquanto tal e as ideologias das classes dominadas lutam para se tornarem dominantes, hegemônicas.

Aparelho Ideológico de Estado escolar e a Ideologia

Outras possibilidades de inferências a respeito do papel político/ideológico da escola e da luta de classes que se trava, com maior ou menor intensidade, no interior destas, podem ser feitas recuperando a concepção de ideologia em geral do autor e compreendê-la no âmbito do Aparelho ideológico de Estado escolar e da própria escola. Portanto, recuperar o conceito de ideologia em geral, faz-se necessário para compreender os limites e as contribuições que a luta ideológica pode dar para transformação social, uma vez que a “conceituação em torno da ideologia em geral, aplica-se a qualquer ideologia, mesmo àquelas ideologias ‘de classes’ não comprometidas com um processo de reprodução ou no funcionamento dos AIE”⁷.

Com relação à concepção althusseriana da ideologia em geral e de suas três teses: a primeira, “A ideologia é uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência”; a segunda “A Ideologia tem uma existência material” e a terceira “A Ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos”, podem ser pensadas a partir do AIE escolar e de suas instituições e da luta ideológica, enquanto uma das formas da luta de classes que se trava entre a ideologia dominante e as ideologias subordinadas, no interior destas.

Quanto à primeira e a segunda teses, estas possibilitam pensar a ideologia, também, no âmbito das escolas, como práticas-sociais, que nas formações sociais capitalistas representam relações de exploração, e enquanto relações de exploração pressupõem relações de dominação, portanto a existência de segmentos dominados que podem tomar para si a tarefa de reverter a correlação de forças no interior das escolas e do próprio AIE escolar.

pela intromissão mais directa ou mais indirecta da sociedade, por meio da escola, etc? Os comunistas não inventaram a acção da sociedade sobre a educação; apenas transformam o seu carácter, arrancam a educação à influência da classe dominante” p.50-51.

⁷ Gregor MCLENNAN, Victor MOLINA, Roy PETERS. A teoria de Althusser sobre ideologia, In: Da

Com referência, especificamente à segunda tese, pode-se inferir que a existência de ideologias subordinadas (dominadas) no interior das escolas e do próprio AIE escolar, significam a existência da participação de indivíduos em práticas que não condizem com a reprodução das relações de produção dominantes e podem contribuir na luta ideológica (luta de classes) em busca de uma nova hegemonia no interior da escola, no AIE escolar e no próprio Estado.

Quanto à terceira tese, “A ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos”, supõe a existência de um Sujeito interpelador e do sujeito interpelado, sendo este constituído a partir do reconhecimento e da submissão ao Sujeito interpelador.

As inferências possíveis no âmbito da escola e do AIE escolar, passam pela compreensão dos Sujeitos interpeladores enquanto Sujeitos ideológicos, que por sua vez são constituídos fora da escola e do AIE escolar, mas que se materializam em práticas no interior destas e, enquanto tese de uma concepção de ideologia em geral, a constituição de Sujeitos interpeladores é válida para as ideologias dominantes, como também, para as ideologias dominadas.

Assim sendo, a lógica anterior leva a reconhecer a existência no interior das escolas e do AIE escolar, como nos outros AIEs, de Sujeitos interpeladores de ideologias dominadas, estes interpelam indivíduos que se reconhecem nestas interpelações, constituindo-se em “maus sujeitos” que não caminham como a imensa maioria dos “bons sujeitos”, sendo que estes caminham por si e entregues à ideologia dominante, cujas formas concretas se realizam no AIE escolar e portanto nas escolas. Estas inferências podem contribuir na reafirmação da importância da luta ideológica, enquanto uma das formas da luta de classes no interior das escolas e de seu Aparelho Ideológico de Estado.

A Luta de Classes e a Escola

No Aparelho ideológico de Estado escolar, como nos outros Aparelhos ideológicos de Estado, a existência de idéias necessita de um suporte real e material, portanto, no AIE escolar também se realiza a Ideologia de Estado em sua totalidade ou em parte garantindo sua unidade de sistema “ancorada” em funções materiais, que lhe são próprias e não redutíveis a Ideologia de Estado.

Aqui, deve-se destacar a afirmação de que os AIEs, portanto no Aparelho ideológico de Estado escolar e suas instituições (escolas), não produzem as ideologias, mas estas se apresentam como determinados elementos da Ideologia de Estado que se realizam ou existem nas instituições escolares. Também, deve-se retomar a afirmação do autor em reconhecer a existência de outras ideologias que não a do Estado no interior do AIE escolar e de suas instituições, estas produzidas como subproduto (ideologia subordinada) da prática em que se realiza a Ideologia de Estado. Importante ressaltar que Althusser ao se referir às ideologias subordinadas (ideologias secundárias) e à ideologia dominante (ideologia primária) estas se apresentam como produto da luta de classes no interior dos AIEs, sendo presentes também no escolar e em suas instituições.

Em relação à luta de classes no interior das escolas, as afirmações sobre os Aparelhos ideológicos sindical e político, que aparecem no texto “Sobre a Reprodução” pode-se inferir que com relação à escola, Althusser também compreende esta, como um espaço da luta de classes, mantendo a advertência que a luta que se trava na escola, como em qualquer outro AIE, é limitada, uma vez que a luta de classes nasce externamente a estes.

Outra inferência que se pode fazer, em relação à escola, a partir dos escritos do autor sobre os partidos e os sindicatos proletários, é da possibilidade de existir escolas cuja ideologia seja radicalmente antagônica à ideologia de Estado. Aqui podem ser citadas algumas experiências de sindicatos de trabalhadores. Os sindicatos e Centrais de trabalhadores mantêm escolas e institutos de formação, Partidos Políticos proletários também mantêm escolas partidárias e institutos de formação e de pesquisa, movimentos sociais como por exemplo as escolas do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) que mantêm escolas sobre suas orientações ideológicas. Aqui também tem que se relativizar a dimensão do papel destas escolas na luta de classes, uma vez que estas instituições fazem parte do AIE sindical, político e escolar, portanto mesmo como elementos de negação da ideologia dominante de Estado, estas fazem parte do

próprio Estado, mesmo assim não se pode negligenciar a importância das escolas na luta de classes.

Isto significa reconhecer a escola como espaço de contradições, estas apresentando-se como produto da luta de classes. Apesar dos limites destas no interior do AIE escolar, como nos outros AIEs, o autor aponta para a importância da luta de classes, no interior destes (portanto no escolar também) para a revolução, sendo a escola um dos espaços onde se desenrola a guerra de longa duração, esta apresentando-se como “a luta de classe que pode chegar a derrubar as classes dominantes do poder de Estado”⁸

Em seu texto “Filosofia e Filosofia Espontânea dos Cientistas”, Althusser vincula o ensino escola à educação ideológica das massas, apontando a relação direta entre ensino e a ideologia dominante, fazendo da escola um importante espaço da luta de classes.

.. a “cultura” literária ministrada no ensino das escolas *não é um fenómeno puramente escolar*, é um momento entre outros da “educação” ideológica das massas populares. Pelos seus meios e efeitos, ela traz outros à superfície, postos em prática ao mesmo tempo: religiosos, jurídicos, morais, políticos, etc. Outros tantos meios ideológicos da hegemonia da classes dominante, que são todos reagrupados em volta do Estado de que a classe dominante detém o poder. Bem entendido, *esta conexão, podíamos dizer sincronização*, entre a cultura literária (que é o objecto-objectivo das humanidades clássicas) e a acção ideológica de massa exercida pela igreja, pelo Estado, pelo Direito, pelas formas do regime político, etc., são a maior parte das vezes *mascaradas*. Mas aparecem à luz do dia nas grandes crises políticas e ideológicas, onde por exemplo as reformas do ensino são abertamente reconhecidas como revoluções nos métodos de acção ideológica sobre as massas. Vê-se então muito claramente que o ensino está em relação directa com a ideologia dominante e que a sua concepção, a sua orientação e o seu controlo são um terreno importante da luta de classes.⁹

Com respeito à importância da luta de classes e às escolas, esta deve ser compreendida, também, e predominantemente no interior da maioria das escolas, onde predominam a ideologia de Estado que cumprem o papel de reproduzir as relações de produção, relações de dominação capitalista.

⁸ Louis ALTHUSSER, Sobre a Reprodução, 176

⁹ Idem, Filosofia e Filosofia Espontânea dos Cientistas, 45

A luta de classes no interior das escolas manifesta-se predominantemente como luta ideológica, luta pela manutenção das ideologias hegemônicas, das classes dominantes e a resistência a esta imposição e à busca da construção de uma nova hegemonia. A escola, em seu papel de transmissora da cultura das classes dominantes, se constitui em importante instrumento de construção e manutenção da hegemonia ideológica, através do ensino e outras formas ideológicas no interior das mesmas. Althusser ao se referir a este mecanismo no interior das escolas, chama a atenção para a existência de ideologias dominadas que mesmo sem ser reconhecidas coexistem e resistem à imposição da ideologia de Estado, afirma:

A “cultura” que se ensina nas escolas não passa efectivamente de uma *cultura em segundo grau*, uma cultura que “cultiva” visando um número, quer restrito quer mais largo, de indivíduos desta sociedade, e incidindo sobre objectos privilegiados (letras, artes, lógica, filosofia, etc.), a arte de se ligar a estes objectos: como meio prático de inculcar a estes indivíduos normas definidas de conduta prática perante as instituições, “valores” e acontecimentos desta sociedade. A cultura é ideologia de elite e/ou de massa de uma sociedade dada. Não a *ideologia real das massas* (pois em função das oposições de classe, há várias tendências na cultura): mas a ideologia que a classe dominante tenta inculcar, directa ou indirectamente, pelo ensino ou outras vias, e num fundo de discriminação (cultura para elites, cultura para as massas populares) às massas que domina. Trata-se dum empreendimento de carácter *hegemónico* (Gramsci): obter o *consentimento* das massas pela ideologia difundida (sob as formas da apresentação e da inculcação de cultura). A ideologia dominante é sempre imposta às massas contra certas tendências da sua própria cultura, que não é reconhecida nem sancionada mas resiste.¹⁰

Estas afirmações indicam, mais uma vez, a preocupação de Althusser em indicar a necessidade de se pensar a escola como reprodutora das relações de produção e ao mesmo tempo como importante locus da luta de classes, esta se apresentando predominantemente como luta ideológica. Quanto à importância que o autor dá à luta de classes no interior das escolas pode ser percebida, também, ao afirmar que a escola na sociedade burguesa é a substituta da igreja na Idade Média, período em que era o principal Aparelho ideológico de Estado.

Segundo Althusser, na sociedade moderna (formações sociais capitalistas) a escola passa a ser a instituição, junto com a família, que mais tempo fica com as crianças em seus

¹⁰

Ibid, 44

períodos mais “vulneráveis” à inculcação ideológica. O autor justifica a predominância do AIE escolar nas formações sociais capitalistas, uma vez que, a reprodução das relações capitalistas de exploração é obtida principalmente através de uma “aprendizagem de alguns saberes contidos na inculcação maciça da ideologia da classe dominante que, em grande parte, são reproduzidas as relações de produção de uma formação social capitalista, ou seja, as relações entre exploradores e explorados, e entre explorados e exploradores”¹¹

Mesmo considerando que o autor se refere à realidade dos países desenvolvidos da Europa, em que o período diário dos alunos nas escolas, sejam de seis a oito horas e que nos países subdesenvolvidos, ou “em desenvolvimento”, a jornada escolar se reduz à metade das horas escolares dos países desenvolvidos, isto sem falar das crianças que não têm acesso ao ingresso e as que evadem nos primeiros anos de escola e, que a mídia nestas formações sociais podem ocupar o papel de principal AIE de interpelação dos sujeitos, tem-se que relativizar e, sem negar, a dimensão da importância da escola que

recebe as crianças de todas as classes sociais desde o Maternal e, a partir daí, com os novos e igualmente com os antigos métodos, ela lhes inculca, *durante anos e anos*, no período em que a criança é mais “vulnerável”, *imprensada* entre o aparelho de Estado Família e o aparelho de Estado Escola, determinados “savoir-faire” *revestidos* pela ideologia dominante (língua materna, cálculo, história natural, ciências, literatura), ou muito simplesmente *a ideologia dominante em estado puro* (moral e cívica, filosofia). Em determinado momento, aí pelos cartoze anos, uma grande quantidade de crianças vai parar “na produção”: virão a constituir os operários ou os pequenos camponeses. Uma outra parte da juventude continua na escola: e haja o que houver, avança ainda um pouco para ficar pelo caminho e prover os postos ocupados pelos pequenos e médios quadros, empregados, pequenos e médios funcionários, pequenos burgueses de toda a espécie. Uma última parcela chega ao topo, seja para cair na subocupação ou semidesemprego intelectuais, seja para fornecer os agentes da exploração e os agentes da repressão, os profissionais da ideologia (padres de toda a espécie, a maioria dos quais são “laicos” convictos) e também agentes da prática científica.¹²

O autor, como afirmado acima, também acentua o papel da escola como selecionadora dos sujeitos aos postos de trabalho a partir do número de anos de frequência

¹¹ Idem, *Aparelhos Ideológicos de Estado*, 80

escolar. Nesta seleção também, deve-se acrescentar os sujeitos que ocupam postos de trabalhos sem qualquer escolaridade, ou seja, a escola continua cumprindo seu papel de reprodutora das relações sociais, também, ao negar acesso ao ingresso escolar à parte dos filhos dos trabalhadores. Althusser acrescenta que esta seleção para as diferentes ocupações no processo de produção também é acompanhado da inculcação do fracasso, do sucesso, do acerto e do erro dos sujeitos que passaram, ou não, pela escola com períodos de permanência diferenciados.

Cada parcela que fica pelo caminho é *grosso modo* praticamente provida, com mais ou menos erros ou fracassos, da ideologia que convém ao papel que ela deve desempenhar na sociedade de classes: o papel de explorado (com “consciência profissional”, “moral”, “cívica”, “nacional” e apolítica altamente “desenvolvida”); o papel de agente da exploração (saber dirigir e falar aos operários), de agente de repressão (saber dar ordens e se fazer obedecer “sem discussão” ou saber manipular a demagogia da retórica dos dirigentes políticos), ou de profissionais da ideologia (sabendo tratar as consciências com respeito, isto é, o desprezo, a chantagem e a demagogia que convêm, acomodados às regras da Moral, da Virtude, da “Transcendência”, da Nação, do papel da Pátria no Mundo, etc.).

É claro, um grande número dessas Virtudes contrastantes (por um lado, modéstia, resignação, submissão e, por outro, cinismo, desprezo, altivez, segurança, grandeza e sobranceira, até mesmo falar bem e habilidade) aprendem-se também nas Famílias, na Igreja, nas Forças Armadas, nos Belos Livros, nos Filmes e mesmo nos estádios. Mas nenhum Aparelho ideológico de Estado dispõe, durante *um número tão grande de anos*, da audiência *obrigatória* (e, realmente, por menos importante que isso seja, *gratuita...*) 6 dias em um total de 7, durante 8 horas por dia, *da totalidade das crianças da formação social capitalista*.¹³

Aqui, o que deve ser destacado é a relação que o autor faz da formação ideológica e a divisão do trabalho, a ocupação dos postos de trabalho pelos trabalhadores no processo de produção e as relações entre estes e o capital, ou seja, a relação do tempo de formação escolar cultural/ideológica e os postos de trabalho e os papéis que se ocupa na produção.

Outra importante referência do autor em relação à ideologia da classe dominante e às formas de conhecimento que se aprende na escola, é que a escola através de determinados

¹² Idem, Sobre a Reprodução, 168

¹³ Ibid, 169

conhecimentos são eficientes instrumentos de inculcação da ideologia da classe dominante que reproduz as relações de produção de determinadas formações sociais capitalistas,

encobertos e dissimulados por *uma ideologia da Escola que reina à escala universal*, já que se trata de uma das formas essenciais da ideologia burguesa dominante: uma ideologia que representa a Escola como neutra, desprovida de ideologia (na medida em que ...é laica), na qual os professores, respeitadores da “consciência” e da “liberdade” das crianças que lhes são confinadas (com toda a confiança) pelos “pais” (os quais são também livres, isto é, *proprietários* dos filhos), levam-nas a ter acesso à moralidade e à responsabilidade de adultos através de seu próprio exemplo, pelos conhecimentos, pela Literatura e pelas virtudes “libertadoras” bem conhecidas do Humanismo literário ou científico.¹⁴

Com relação aos professores, Althusser aponta duas posturas diferentes entre estes, uma primeira em que os professores tentam através das armas científicas e políticas que encontram na história e no saber que ensinam se contrapor à ideologia dominante, ao sistema e as práticas nas quais estão confinados, estes, segundo o autor, são raros. Um segundo grupo de professores, a imensa maioria, nem suspeita do trabalho que o sistema os obriga a fazer, e os fazem com empenho, entusiasmo, engenhosidade, estes tampouco,

duvidam de que estão contribuindo com sua própria dedicação para manter e alimentar essa representação ideológica da Escola que, atualmente, torna a Escola tão “natural” e indispensável-útil e, até mesmo, benfazeja para nossos contemporâneos, como a Igreja era “natural”, indispensável e generosa para nossos antepassados de alguns séculos atrás. De fato, *atualmente, a Igreja foi substituída pela Escola*: esta dá-lhe continuidade e ocupa seu setor *dominante*, embora ligeiramente restrito (uma vez que a Igreja, não-obrigatória, e as forças armadas, obrigatórias e ... gratuitas como a Escola, lhe fazem companhia com todo o cuidado). É verdade que a Escola pode contar com a ajuda da Família, apesar das “dissonâncias” que, após o *Manifesto* ter anunciado sua dissolução, perturbam seu antigo funcionamento de Aparelho ideológico de Estado, outrora, particularmente seguro. Hoje em dia, já não é esse o caso: depois de Maio, as próprias famílias burguesas de posição mais elevada sabem algo do que isso significa – algo que as abala irreversivelmente e as deixa, muitas vezes, a “tremar”.¹⁵

Estas afirmações do autor, também devem ser relativizadas e situadas no tempo e no espaço, final da década de sessenta e início da década de setenta do século passado na França, país europeu de grande desenvolvimento capitalista. Isto não significa que as condições hoje, são melhores ou piores, ou que nos países subdesenvolvidos ou “em desenvolvimento” se diferenciam ou não das afirmações apresentadas. Mas estas afirmações podem contribuir em análises a respeito da escola e à luta de classes política e ideológica no interior destas e compreender os limites e as contribuições que a luta ideológica pode, enquanto uma das formas da luta de classes, dar à luta pela transformação social.

Conclusão

A recuperação do referencial althusseriano pode contribuir na compreensão do papel político/ideológico da escola e da reprodução das relações de produção, relações que se rearticulam ou não na base econômica que se apresenta com novas formas de organização do trabalho e das novas tecnologias, que impõe novas relações de operação dos meios de produção, novo desenho das fábricas e uma nova constituição da circulação de mercadorias, produzindo um mercado globalizado. Referências que indicam a dinâmica do capitalismo em produzir novas formas de reproduzir o capital e a dominação burguesa sobre as demais classes sociais na sociedade capitalista.

A importância de colocar-se o referencial althusseriano pode, dar elementos para compreender-se o papel que a escola deve cumprir nesta reorganização do capitalismo e como a classe dominante reorganiza todo o Aparelho ideológico de Estado escolar para contribuir na reprodução do poder de classe.

Também, retomar Althusser é recuperar a contribuição que ele, como outros denominados “reprodutivistas” deram e podem continuar dando, na análise da sociedade, referências que são importantes para estudos que se propõe à análises **“das grandes relações entre processos sociais amplos e resultados amplos dos processos educacionais”**.

Tomaz Tadeu da Silva ao se referir aos “reprodutivistas”, salienta a importância da temática por eles desenvolvida, afirmando que

esses estudos fundadores postulam que a contribuição específica e decisiva da educação para a produção e reprodução das classes reside na sua capacidade de manipulação e moldagem das consciências. É na preparação de tipos diferenciados de subjetividade, de acordo com as diferentes classes sociais, que a escola participa na formação e consolidação da ordem social. Para isto é decisiva a transmissão e inculcação diferenciada de certas idéias; valores, modos de percepção, estilos de vida, em geral sintetizados na noção de ideologia.¹⁶

Estas referências sinalizam que o marxismo continua fértil para a compreensão da atual reorganização do modo de produção capitalista: a revolução tecnológica e as conseqüências que essas mudanças trazem no campo social, político, ideológico e econômico. Sendo que a análise deste processo só pode ser entendido em seus vários aspectos com a compreensão da totalidade do fenômeno, a partir da luta de classes.

Bibliografia

ALTHUSSER, Louis. **A Favor de Marx**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

_____. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1987.

_____. A transformação da filosofia. In: **A transformação da filosofia seguido de Marx e Lênin perante Hegel**. São Paulo: Edições Mandacaru, 1989.

_____. Acerca del Trabajo Teórico. In: **La Filosofía como Arma de la Revolución**. 21ª edición. México: Siglo Veintiuno editores, 1997.

_____. De *O Capital* à Filosofia de Marx. In: ALTHUSSER, L; RANCIÈRE, J; MACHEREY, P. **Ler O Capital**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. v.1

_____. Elementos de autocrítica. **Posições-1**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.

_____. **Filosofia e filosofia espontânea dos cientistas**. Lisboa: Editorial Presença, 1979.

_____. Freud e Lacan. In: **Freud e Lacan / Marx e Freud**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1991.

¹⁶

Tomaz Tadeu da SILVA, O que Produz e o que Reproduz em Educação, 15.

- _____. Ideología y Aparatos Ideológicos del Estado. In: **La Filosofía como Arma de la Revolución**. 21ª edición. México: Siglo Veintiuno editores, 1997.
- _____. La filosofía como arma de la revolución. In: **La Filosofía como Arma de la Revolución**. 21ª edición. México: Siglo Veintiuno editores, 1997.
- _____. **La Revolución Teórica de Marx**. 22ª edição. México: Siglo Veintiuno editores, 1987.
- _____. **Lênin e a filosofia**. São Paulo: Edições Mandacaru, 1989.
- _____. Lénine perante Hegel. In: **A transformação da filosofia seguido de Marx e Lênin perante Hegel**. São Paulo: Edições Mandacaru, 1989.
- _____. **Lo Que no Puede Durar en el Partido Comunista**. Madrid: Siglo Veintiuno de España editores, 1978.
- _____. Marx e Freud. In: **Freud e Lacan / Marx e Freud**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1991.
- _____. Materialismo Histórico e Materialismo Dialético. In: ALTHUSSER- BADIOU. **Materialismo Histórico e Materialismo Dialético**. 2ª edição. São Paulo: Editora Global, 1986.
- _____. **Montesquieu a Política e a História**. Lisboa: Editorial Presença, 1972.
- _____. Futuro Dura Muito Tempo. In: **O Futuro Dura Muito Tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. Objeto de *O Capital*. In: ALTHUSSER, L; BALIBAR, E; ESTABLET, R. **Ler O Capital**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980. v.2.
- _____. Os Fatos. **O Futuro Dura Muito Tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. Práctica Teórica y Lucha Ideológica. In: **La Filosofía como Arma de la Revolución**. 21ª edición. México: Siglo Veintiuno editores, 1997.
- _____. Resposta a John Lewis. **Posições-1**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- _____. Sobre a relação entre Marx e Hegel. In: **A transformação da filosofia seguido de Marx e Lênin perante Hegel**. São Paulo: Edições Mandacaru, 1989.
- _____. **Sobre a Reprodução**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

- _____. Sustentação de tese em Amiens. **Posições-1**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- ANDERSON, Perry. **Considerações Sobre o Marxismo Ocidental**. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Moscou: Edições Progresso, 1987.
- MCLENNAN, G., MOLINA, V., PETERS, R.. A Teoria de Althusser sobre Ideologia. In: CENTER for Contemporary Cultural Studies da Universidade de Birmingham (org.). **Da Ideologia**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.
- SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs). **Pós-Neoliberalismo**. São Paulo: Paz e Terra, 1995.
- SAVIANI, Dermeval. **Educação e Questões da Atualidade**. São Paulo: Livros do Tatu: Cortez, 1991.
- _____. **Escola e Democracia**. 19ª edição. São Paulo: Cortez, 1987.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- _____. **Identidades Terminais**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- _____. **O que Produz e o que Reproduz em Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- VÁZQUEZ, Adolfo Sánches. **Ciência e Revolução – o marxismo de Althusser**. Rio Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.